

KAMAH ZINE

3ª edição

EDUCAÇÃO SOBRE CANNABIS.

K*
ZINE

* MATERIAL *
G R A T U I T O

KAMAHZINE - 3ª EDIÇÃO - 09/23 - BRASIL

SUMÁRIO

KAMAHZINE
3ª EDIÇÃO

- NOSSA RESISTÊNCIA 03
(KAMAH)
- SOBRE NÓS 05
(KAMAH)
- KAMAH SHOP 06
(KAMAH)
- GIRO DE NOTÍCIAS 07
(KAMAH + CANNABIS MONITOR)
- MACONHA: PLANTA DO BEM OU DO MAL 09
(KAMAH)
- KAMAH ENTREVISTA - EMÍLIO FIGUEIREDO .. 13
(EMÍLIO FIGUEIREDO)
- GUERRA COM ALVO E CEP 19
(CESEC)

- REDUÇÃO DE DANOS É POLITICA PÚBLICA ... 23
(É DE LEI)
- REPARAÇÃO COMO NECESSIDADE 27
(INICIATIVA NEGRA)
- VOZES DA LUTA 31
(CIDINHA)
- PROFISSIONAIS DA INDÚSTRIA 37
(LÍVIA OLIVEIRA)
- FUTURO VERDE 39
(KAMAH)
- A KOMUNIDADE 41
(KAMAH)
- GLOSSÁRIO 46
(KAMAH)

NOSSA RESISTÊNCIA

Inspirada na cultura dos fanzines que até hoje atuam como iniciativas de compartilhamento de informação e meios de conexão entre entusiastas de um tema específico, a Kamah Zine é uma revista que aborda assuntos relacionados à maconha e a política de drogas em geral.

Nos conectamos com pessoas e organizações atuantes na causa para trazer ao público uma visão diferente sobre pautas que sustentam o tabu e a proibição das drogas. Afinal, a proibição de algumas substâncias e a regulação de outras é uma escolha política.

Enquanto o álcool, o cigarro e os fármacos têm suas vendas controladas, a utilização e o comércio de substâncias como a maconha e tantas outras é proibida e criminalizada. A narrativa que ajudou a construir a opinião pública e que até hoje segura a duras custas essa decisão, nunca se comprovou como eficiente.

Desde que o Brasil entrou no acordo internacional de cooperação e combate total às drogas ilícitas, essa questão passou a ser um problema que atinge todos os brasileiros. Hoje, investe-se praticamente o mesmo valor para financiar essa guerra do que em programas sociais como o Bolsa Família, com progressão de piora ao longo do tempo. A penalização e a opressão definitivamente não se mostraram o melhor caminho. A venda, o consumo, novas variedades de drogas e os danos relacionados ao abuso, só aumentam. O hiperencarceramento e a violência, principalmente contra a população negra e periférica também. Organizações criminosas como facções e milícias surgiram e ganham cada vez mais força a partir desse cenário.

Diante desta ineficiência e situação de calamidade é impossível não questionar o que justifica a manutenção dessa política. Drogas, no geral, são consumidas há milhares de anos por seres humanos e, em um curtíssimo período, aproximadamente oito décadas, algumas delas foram proibidas.

Países considerados desenvolvidos, já mudaram essa abordagem por reconhecerem o valor terapêutico, econômico, social e ambiental da maconha, por exemplo, dando espaço para o desenvolvimento de pesquisas e avanços na área.

É hora de o Brasil participar desse movimento. Muitos dos problemas que enfrentamos como sociedade passam pela questão da proibição e as medidas políticas que a sustenta. Podemos sim ajudar a transformar a nossa realidade a partir de uma mudança nesse sentido.

Estamos diante da oportunidade de impactar positivamente questões essenciais para o nosso futuro como espécie. A saúde e segurança pública, a economia, o meio ambiente e principalmente as pessoas podem ser beneficiadas a partir de um novo olhar para a maconha e às drogas.

Não falta gente, força e organizações da sociedade civil com a intenção de combater tanta injustiça e caminhar rumo a construção de uma nova realidade. A Kamah Zine busca contribuir com esse movimento, trazendo informação gratuita e acessível na intenção de transformar a relação da sociedade com a maconha. Essa iniciativa conversa com nosso propósito de unir pessoas e organizações para somar nesta luta, sendo nosso principal projeto de conteúdo e educação.

Acesse e compartilhe a versão digital dessa e das edições anteriores apontando a câmera do celular para o código abaixo!



SOBRE NÓS



Acreditamos que construir uma comunidade forte, informada e engajada é o caminho para modificar essa realidade injusta e irracional. A manutenção da proibição gera danos altíssimos para a segurança, saúde e finanças do nosso país. Mas principalmente, gera danos irreversíveis na vida das pessoas.

Diante dessa urgência, atuamos promovendo conexões e informações para quem de alguma forma se identifica com a pauta, pelas mais diversas razões.

Fazemos produtos, eventos e conteúdos para nossa comunidade, formada por pessoas, empresas e coletivos para fortalecer a sensação de pertencimento e os laços da nossa cultura.

E se o papo é se conectar o que melhor do que uma festa não é mesmo? Na frente de eventos produzimos a Bagachic, que baseada em acolhimento e diversidade, é um espaço de celebração e propagação da cultura 4 e 20.

Pra quem curte um papo construtivo em um ambiente gostoso para novas conexões, o Butequin é o nosso evento mensal que discute temas relacionados a substâncias em uma mesa de bar, composta por quem mais entende do assunto.

Já nossos produtos são pensados para ter o menor impacto ambiental possível. Para isso utilizamos matérias primas ecológicas como o cânhamo, por exemplo. Essa variedade de maconha nos possibilita fazer uma infinidade de produtos, como nossas camisetas e acessórios.

Feitos da fibra da planta, eles são muito mais resistentes, duráveis e ecológicos, já que o cultivo dessa espécie colabora como poucos na limpeza do solo e do ar.

Em resumo, nosso rolê é unir gente que quer mudar o mundo e entende que a descriminalização, legalização e regulamentação das drogas é um caminho para ajudar a resolver boa parte dos nossos problemas.

Vem com a gente. Siga nosso trabalho nas redes sociais e venha somar nessa missão!



@kamah.co

KAMAH SHOP

Nosso clube para tabacarias & head shops

Você sabia que a Kamah agora tem um clube exclusivo para tabacarias e head shops?

Cientes dos desafios de crescer e sobreviver nesse setor, lançamos o Kamah Shop, uma comunidade de lojistas comprometida com o aprendizado e o crescimento mútuo.

Acreditamos na educação e na união entre pares como pilares na nossa comunidade. No Kamah Shop oferecemos aulas e debates mensais online, educação financeira, ferramentas de gestão, conteúdos exclusivos e benefícios em produtos não só da Kamah, mas também de empresas parceiras, tudo isso por um valor que cabe no bolso.



**Faça parte desse movimento:
envie uma mensagem através
do QR Code :)**

**K*
ZINE**



**GIRO DE
NOTÍCIAS**

APOIO:

**CANNABIS
MONITOR**



Alexandre de Moraes: Punição do porte de drogas não pode considerar classe social ou diploma

No dia 02/08/2023 tivemos a continuação da votação a favor da descriminalização do porte de drogas para consumo pessoal em território brasileiro.

No momento a votação foi adiada por pedido de vista, mesmo assim tivemos avanços, tanto na votação em si, como também nas argumentações feitas por Ministros.

Alexandre Moraes, por exemplo, citou que a atual política anti-drogas é injusta e pune sempre o mesmo padrão de pessoas: negros, pardos, pobres e de periferia.

Uma realidade que muita gente conhece, mas que ainda não tinha sido trazida para a discussão no STF.

Fonte: Sechat

Novo estudo sugere que o álcool – e não a cannabis – é a verdadeira “porta de entrada” para consumos problemáticos

Uma nova pesquisa realizada nos EUA descobriu que os jovens experimentam primeiro o álcool, tabaco e só depois interagem com a maconha.

Se pensarmos na realidade brasileira, esse dado não nos pega de surpresa levando em consideração que em nosso país o consumo de álcool está enraizado em nossa cultura.

Além disso, de acordo com estudos da Universidade de Washington, a liberação da maconha recreativa diminuiu o consumo de álcool, nicotina e analgésicos não prescritos entre os jovens.

Fonte: Canna Reporter

KAMAHZINE

Os perigos do Venvanse, droga em alta entre executivos e nas baladas

O remédio produzido por uma multinacional japonesa recomendado para tratamento de TDAH, além de estar sendo utilizado como uma alternativa para otimizar a performance nos longos dias de trabalho, também está sendo consumida de maneira recreativa em festas, acendendo um alerta em toda a sociedade.

Fonte: Veja

Custo de bem-estar da guerra às drogas corresponde a R\$50 bilhões por ano, revela estudo do Ipea

O estudo "Custo de bem-estar social dos homicídios relacionados ao proibicionismo das drogas no Brasil" feito pelo Ipea, Instituto de Pesquisa Econômica, conseguiu quantificar a gravidade dessa política levando em consideração indicadores econômicos e de saúde pública. Na opinião do pesquisador Daniel Ricardo de Castro Cerqueira, é de responsabilidade da sociedade discutir outros caminhos quando o tema é a problemática das drogas.

Fonte: Ipea.gov.br

Aumenta busca por tratamento com cannabis nas favelas do Rio

Uma pesquisa feita pela organização Movimentos, com a população das favelas cariocas mostra que a demanda por remédios à base de maconha está cada dia maior.

Entre o perfil das pessoas, grande parte é negra, mulher e recebe menos que um salário mínimo por mês, o que dificulta o acesso aos remédios.

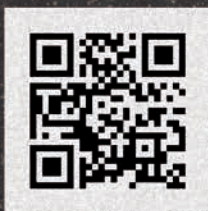
Muitas vezes os moradores dependem da ajuda de associações e instituições que auxiliam a população periférica a consegui-los.

Essa dificuldade escancara ainda mais a desigualdade da qualidade de vida entre as pessoas das periferias e as das classes mais altas.

Fonte: Sechat

ASSINE NOSSA NEWSLETTER!

Você pode receber as principais notícias relacionadas a maconha semanalmente na palma da sua mão! Aponte a câmera do celular para o código, se inscreva na newsletter gratuitamente e fique por dentro de todas as novidades.



Maconha:

planta do bem ou do mal

ESCRITO PELA KAMAH
@kamah.co

Alvo de polêmica em conversas de bar, familiares e políticas, a maconha é uma planta que só de ter seu nome mencionado, já causa divergência de sentimentos e opiniões. Sua utilização é milenar e muito variada, entretanto os últimos 100 anos da história provocaram uma grande mudança na visão e relação da sociedade com ela.

Muito antes do mito

Uma das capacidades mais incríveis dos seres humanos é a imaginação. Ela é capaz de criar histórias fictícias e nos transportar para locais que só a mente chega. Ao mesmo tempo, essa imaginação é capaz de criar mitos que ao serem sustentados por narrativas, podem ser utilizados como mecanismos de controle e assim transformar os rumos da humanidade.

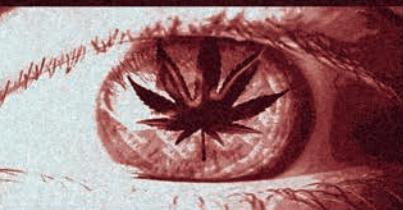
Considerando que os mitos são inerentes à sociedade, a maconha também é atingida em cheio por eles. Mas isso é algo bem mais recente na nossa história.

Desde a revolução agrícola, que teve início há 12 mil anos, seres humanos que anteriormente viviam como caçadores e coletores, passaram a domesticar plantas do seu interesse. Estima-se que a domesticação da maconha ocorreu próxima a este período, na China.

Originária da região do Planalto do Tibete, país vizinho à China, a *Cannabis* foi vista como uma espécie interessante para a subsistência de diversas civilizações, sendo utilizada para diferentes finalidades.

Os chineses, com os registros mais antigos até o momento da publicação, a utilizavam para produzir objetos de cerâmica há 10 mil anos. Além disso, outros registros apontam seu uso medicinal e recreativo para essa cultura.

Os invasores portugueses e espanhóis que colonizaram as Américas utilizavam a fibra de cânhamo, subespécie da maconha, para confeccionar velas e cordas para suas embarcações.



No Brasil era possível encontrar cigarros de maconha em farmácias brasileiras, indicados para doenças respiratórias no final do século 19. Além disso, a planta esteve presente na nossa primeira farmacopeia, de 1929.



Junto ao desenvolvimento proporcionado pela ascensão da ciência, novas e mais sofisticadas leis e sistemas políticos passaram a ser implementados ao redor do mundo. O século 20, que teve início em 1901, foi marcado por muitos avanços tecnológicos e mudanças sociais. O novo arranjo trouxe consigo o surgimento de novos mecanismos de controle da população por parte dos Estados.

Voltando nosso olhar para o continente americano, as nações que aqui se formaram estavam desenvolvendo seus próprios sistemas políticos, leis e indústrias após centenas de anos de colonização, baseada na exploração de recursos naturais e da força de trabalho de escravizados dos povos originários e africanos.

Séculos de dominação trouxeram consequências, como por exemplo, discrepâncias sociais, econômicas e culturais entre os habitantes dos países agora independentes. Junto a isso, questões políticas e de guerra trouxeram milhões de imigrantes da Europa e da Ásia para cá, aumentando ainda mais a tensão.

Assim, movimentos reacionários começaram a surgir e inclusive impactar leis. Muito motivado pela repulsa dos estadunidenses com imigrantes irlandeses e italianos, a fabricação, venda e consumo de bebidas com mais de 0,5% de teor alcoólico, foi proibida e criminalizada no país.

As consequências foram as mesmas da proibição de outras substâncias nos dias de hoje: criação de forças paralelas como facções, aumento na taxa de uso abusivo e transtornos relacionados, gastos elevados de saúde e segurança pública sem obtenção de resultados.

O mesmo aconteceu com a maconha. Muito relacionada aos afro-americanos e imigrantes mexicanos, a planta foi proibida nos Estados Unidos em 1937. Com o fim da proibição do álcool na década de 30 no país, o grande aparato para sustentar a vigência da medida foi transferido para a maconha e posteriormente a outras substâncias, sem nenhum embasamento científico ou justificativa plausível. Assim, através de influência e tratados internacionais, a proibição se espalhou pelo mundo.

Fato que une a história dos Estados Unidos e do Brasil neste período é que ambos os países possuíam um grande número de ex-escravizados e a classe dominante, majoritariamente branca de origem europeia, criou mecanismos de segregação contra esta população e criminalizou seus hábitos. As Leis Jim Crow nos EUA e as Leis Eugénistas no Brasil, por exemplo, falam por si só.



Luz no fim do túnel

A proibição teve impacto direto na produção científica e em movimentos que pudessem questionar ou contrariar a ordem atual, até que um estudo feito na década de 60 em Israel abriu espaço para debater sobre algo que já havia se tornado um tabu.

Para justificar a criminalização do comércio e do consumo, mitos sobre a maconha e outras drogas foram criados, resultando em preconceitos e estigmas em torno da planta e de seus usuários até hoje, através de um gigantesco esforço de campanhas contra as drogas baseadas em notícias falsas e pesquisas tendenciosas.

Olhando para como a criminalização do consumo e venda de substâncias ilícitas afeta indivíduos de diferentes etnias, fica claro o viés e direcionamento da força do Estado através da polícia para reprimir e oprimir pessoas negras e periféricas, gerando assim um ciclo vicioso que coloca essas populações e territórios na marginalização constante.

Graças a descoberta feita em Israel, na qual o cientista Raphael Mechoulam conseguiu isolar a molécula de THC, novos estudos conseguiram demonstrar a afinidade do corpo humano com compostos químicos presentes na maconha, assim como seus benefícios à saúde.

Assim, com novas demandas por liberdade e autonomia no século 21, a maconha hoje está em um lugar quase inimaginável se comparado com anos atrás. A ciência já provou que além de uma ótima ferramenta médica e terapêutica, ela também pode ser útil para o meio ambiente, tanto no ponto de vista do plantio em si, quanto a sua utilização como matéria prima.

Hoje a maior parte dos países ditos desenvolvidos já descriminalizaram o consumo e alguns já até regulamentaram a venda para qualquer finalidade: recreativa, industrial e medicinal. O Brasil ainda criminaliza ambos, entretanto caminha para mudanças.

O futuro é incerto, mas desmistificar o debate sobre as drogas é essencial para a construção de um mundo diferente e melhor. Seja para a saúde mental e física, para o meio ambiente ou para a segurança pública; como também por uma questão de justiça e reparação para as pessoas e locais mais afetados pela sangrenta, irracional e ineficiente escolha política de proibir.

Nem do bem nem do mal, a maconha é uma planta que pode ser benéfica para uma série de questões, assim como pode trazer malefícios a quem tem reações negativas ao consumi-la. O fato é que a proibição em si gera prejuízos irreversíveis nos mais diferentes aspectos da vida humana, enquanto mantém o privilégio de pequenos grupos que inclusive lucram com ela.

Como reflexão, vale ressaltar que a planta que nunca matou ninguém, foi usada para que homens matassem outros homens.



KAMAH ENTREVISTA: EMÍLIO FIGUEIREDO

ADVOGADO. ATIVISTA
REDE REFORMA PSICOQUIT
FIGUEIREDO NEMER e SANCHES
SINAPSE SOCIAL

A Lei de Drogas

A Lei 11.343, conhecida como Lei de Drogas, vigente no Brasil desde 2006, foi inicialmente bem recebida. Ela diferenciou usuários de traficantes, considerando as penas aplicadas. Para usuários, previam-se advertências, serviços à comunidade e cursos informativos sobre as drogas. Para traficantes, aqueles envolvidos na distribuição ilegal, a pena era de reclusão, ou seja, prisão, de 5 a 15 anos.

Esta lei ainda está em vigor, mantendo essa distinção. No entanto, a realidade é que o sistema penal tende a encarcerar desproporcionalmente pessoas negras, periféricas, de favelas e zonas rurais, tratadas como traficantes.

Ou seja, aquelas distantes dos centros frequentemente são consideradas traficantes e como resultado, são detidas até o julgamento, enquanto pessoas de estratos sociais mais altos geralmente são punidas como usuárias. Essa discrepância está cada vez mais evidente e ganhando atenção na sociedade brasileira ajudando a destacar o paradoxo e a falha na aplicação da lei.

O Julgamento do STF

A aplicação da lei é questionada em diversos aspectos, sendo um deles o julgamento do Recurso Extraordinário 635659 no Supremo Tribunal Federal. Esse recurso debate a constitucionalidade da criminalização do porte para consumo próprio, que são as penas do artigo 28 da Lei de Drogas que distingue usuários e traficantes.

A ação no Supremo questiona especificamente o artigo 28 que trata do porte para consumo próprio, enquanto traficante é quem distribui ilegalmente substâncias proibidas.

O julgamento iniciou em dezembro de 2009, mas efetivamente só em 2015, com três votos favoráveis à descriminalização, sendo um favorável a todas as drogas e dois somente à maconha.

KAMAHZINE



Ele foi suspenso e retomado anos depois, em 2023, com a apresentação do voto do Ministro Alexandre de Moraes, que apesar de ter fundamentado bem seu voto, optou por restringir a descriminalização à maconha, assim como os Ministros Fachin e Barroso, discordando do relator Ministro Gilmar Mendes que defendia a descriminalização de todas as drogas, ao entenderem que, no caso concreto, a discussão se dá somente em relação a substância que gerou o recurso.

Após uma suspensão a pedido do relator Gilmar Mendes, o julgamento foi retomado em agosto, quando o ministro relator adequou seu voto para ficar consonância com os demais ministros, limitando alcance do julgamento aos casos envolvendo maconha. Na sequência, o Ministro Cristiano Zanin votou contra a descriminalização, e o Ministro André Mendonça pediu vistas. Mesmo com o pedido de vistas, a ministra presidente do STF, Rosa Weber, adiantou seu voto para se também declarar inconstitucional o artigo 28 da lei de drogas.

Agora, a expectativa é de que o julgamento seja retomado com o voto dos Ministros Alexandre Mendonça, Kassio Nunes Marques e Luiz Fux, que devem se posicionar contra a inconstitucionalidade da criminalização de usuários, tendo em vista seus posicionamentos anteriores.

Por último, votam o Ministro Toffoli e a Ministra Carmen Lúcia. Os dois devem ter votos favoráveis. Com base nisso, acreditamos que a votação terminará em um placar de 7 a 4 a favor da descriminalização não de todas as drogas, mas restringindo apenas a maconha.

Portanto, ainda teremos que continuar a lutar contra a criminalização de usuários de outras substâncias, principalmente considerando a questão social em torno do consumo de crack no Brasil.



Mudança urgente

A lei de drogas tem outros aspectos além da punição do usuário e do traficante, mas o que fica preponderante na aplicação dessa lei é justamente as punições de ambos.

Em casos de uso problemático, a criminalização da sua conduta gera novos problemas ao deixar o usuário apto a ser tratado pela polícia ao invés de profissionais da saúde.

Entendo que o caminho é educar as pessoas para que elas tenham consciência do que é lidar com substâncias, o que significa para cada pessoa consumir cada uma delas. Não adianta a gente querer impor isso a partir de uma lei que as trata como criminosas. Na realidade essas pessoas precisam de acolhimento, de suporte e apoio.

Expectativas Para o Futuro *

Antes do julgamento é muito difícil prever como vai se dar a aplicação desse possível novo entendimento sobre o usuário. E falo isso por conta até do que aprendemos com a lei de drogas de 2006, que foi uma lei saudada e celebrada por não punir mais usuário com prisão.


O sistema de justiça criminal brasileiro é tão nefasto que a sanha de punir as pessoas que estão fora dos balizamentos sociais faz com que boas iniciativas no papel sejam transformadas em algo muito ruim.

Então, a partir do momento que deixa de ser crime o uso de drogas, pode acontecer de agora ter um aumento ainda maior de pessoas presas como traficantes, porque não se poderá mais prender como usuária.

Vejo como essencial uma conscientização das autoridades policiais, do Ministério Público e dos juízes criminais, quanto ao fato de que encarcerar pessoas que não fazem a difusão de substâncias para outras, causa um problema social muito maior do que o consumo em si.

Se no entendimento das autoridades é preciso ter um controle social quanto ao consumo de drogas, que isso seja feito preventivamente por meio da educação e não mais através da punição.





**VAMOS NOS REUNIR MENSALMENTE PARA
DISCUTIR PROJETOS DE IMPACTO POSITIVO
SOBRE CANNABIS E PSICODÉLICOS.**

SOMOS A CANNADELIC.

Ao comprar uma de nossas artes digitais (NFT), você terá acesso a nossa comunidade, com reuniões mensais, espaço para submeter projetos, debater ideias e fortalecer conexões. Os projetos de pessoas e territórios afetados negativamente pela política de drogas podem inscrever seus projetos e receber recursos. Parte das NFTs serão fornecidas gratuitamente.

A comunidade é voltada para o impacto social positivo e 100% do resultado será revertido para projetos e iniciativas socioambientais, de reparação histórica e para o fim da guerra às drogas. Nossa primeira coleção (Chilling Frog) com 420 arte únicas, foi criada pelo artista @nielk_m.

Somos pessoas ativistas, advogadas, jardineiras, cientistas, pacientes, médicos, produtores rurais, empreendedores, startups e entusiastas.

**Acesse o QR Code abaixo e venha
criar conosco a Cannadelic o/**



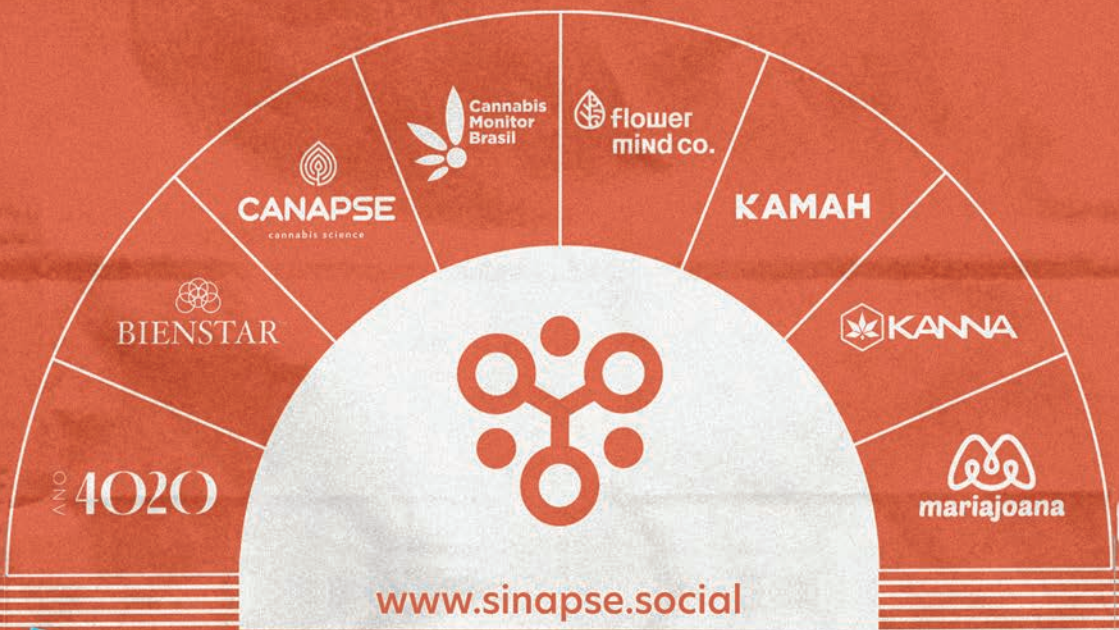
KAMAHZINE

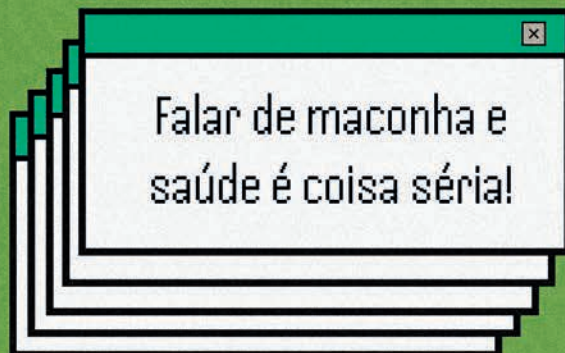


SINAPSE

VENTURE BUILDER

Construímos e desenvolvemos iniciativas
de Cannabis e Psicodélicos no Brasil





Aqui na MariaJoana, bolamos um novo jeito de olhar o mercado.

Unindo causas de impactos sociais e ambientais, a produtos à base de maconha com qualidade comprovada. Viemos para facilitar sua experiência com a planta!

Quer saber mais?

Acesse mariajoana.app ou leia o QR Code abaixo:



GUERRA COM ALVO & CEP

CESEC

O objetivo do projeto *Drugs: Quanto custa proibir* do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESEC), é estimular um debate franco, honesto e bem-informado sobre quais são os reais custos da proibição de determinadas drogas para a sociedade brasileira

A primeira etapa do estudo do CESEC, "Um tiro no pé", estimou o custo da implementação da Lei de Drogas (Lei 11.343/06) vigente no país, nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. A partir de um rigoroso trabalho de pesquisa ficou fartamente demonstrado que os recursos dos contribuintes neste país são desperdiçados para aplicar uma legislação que não inibe nem a venda, nem o consumo de drogas, mas encarcera e mata uma parcela muito definida da população brasileira: jovens negros, pobres e moradores de favelas e periferias.

Em um único ano (2017), Rio de Janeiro e São Paulo, juntos, gastaram cerca de R\$ 5,2 bilhões para manter a proibição das drogas e travar guerra contra o varejo do tráfico nas favelas e periferias.

RIO DE JANEIRO
R\$ 1 bilhão

SÃO PAULO
R\$ 4,2 bilhões

Para alimentar o debate, o projeto propõe o exercício de pensar em que outras áreas os recursos gastos na guerra às drogas, nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, poderiam ter sido investidos.

Em educação por exemplo, a pesquisa demonstra que seria possível, alternativamente:

RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO
Custear a educação de 252 mil alunos em uma escola do Ensino Médio	Custear a educação de 840 mil alunos em escolas estaduais de Ensino Médio
Construir 121 escolas para mais de 77 mil novos alunos	Construir 462 novas escolas
Custear, por um ano inteiro, a educação universitária de mais de 32 mil alunos na UERJ	Custear a educação de 43 mil alunos na USP por um ano

O CUSTO DA GUERRA ÀS DROGAS PARA O FUTURO

R\$ 24.698,00 é a redução de renda futura para alunos que perderam proficiência acadêmica ao longo de 2019

O que significa para uma pessoa de baixa renda perder **24 mil reais**, em valores de 2019, por redução de pontos na proficiência decorrente de ter estudado sob tiroteios?

-48

cestas básicas

-377

botijões de gás

-6.098

passagens de ônibus municipais

Já em **"Saúde na linha de tiro"**, terceira etapa do projeto, a busca é estimar o custo da chamada "guerra às drogas" sobre a saúde de moradores de favelas cariocas obrigados a conviver com tiroteios com a presença de agentes policiais do Estado. A análise dos dados obtidos junto aos moradores permitiu concluir que há:

- a) aumento da prevalência de hipertensão arterial, insônia prolongada, depressão e ansiedade;**
- b) aumento na chance de desenvolvimento dessas condições;**
- c) interrupções frequentes do funcionamento das unidades de saúde, ocasiões em que profissionais de saúde não conseguem acessar seu local de trabalho e os moradores não conseguem procurar os serviços de saúde.**

59,5%

dos moradores disseram que a unidade de saúde já havia sido fechada, em algum momento, como resultado da violência. Nas comunidades controle, esse percentual cai para 12,9%.

R\$ 35.218,19

Um dia de fechamento custa, em média, R\$35.218,19 em serviços que deixam de ser prestados.

R\$ 317 mil

O fechamento das unidades de saúde devido à violência nas comunidades mais expostas a tiroteios envolvendo agentes de segurança custou, por ano, aproximadamente R\$ 317 mil para o Estado e para a sociedade.

Para ler os relatórios completos acesse:

drogasquantocustaproibir.com.br

Acompanhe o projeto no Instagram:

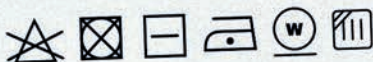
[@drogas_quantocustaproibir](https://www.instagram.com/drogas_quantocustaproibir)

**K*
ZINE**

Hemp.COR



KAMAHZINE



UMA MODA DIFERENTE

O segmento da Moda movimentou somente no Brasil 6,55 bilhões de peças em 2022, segundo dados do Instituto IEMI, demonstrando o tamanho deste mercado.

Entretanto o consumo desenfreado presente nos dias de hoje, coloca a indústria da moda como a segunda mais poluente do mundo, atrás apenas da indústria petrolífera.

Diante desta realidade, mudanças que diminuam o impacto ambiental da indústria da moda são urgentes. A moda sustentável se mostra uma alternativa por considerar toda a cadeia produtiva, colocando a sustentabilidade e o desenvolvimento socioeconômico no centro da questão.

POR QUE O CÂNHAMO?

O cânhamo é uma subespécie da Cannabis Sativa L. não apropriada para consumo humano, mas utilizada há milênios para fins industriais. A fibra da planta é capaz de gerar tecidos super resistentes e biodegradáveis para a produção de vestuários.

Seu ciclo de produção é menor, não necessita de agrotóxicos e tem uma economia de 80% de água quando comparado ao algodão, segundo dados da consultora Kaya Mind. Além disso, seu cultivar é um dos mais benéficos para o meio ambiente por capturar altas taxas de carbono da atmosfera e fazer a limpeza de solos contaminados.

A HEMPCOR

A Hemp.COR é uma confecção e fabricante de moda sustentável que produz roupas com tecido feito a partir do cânhamo e suas misturas com fibras naturais orgânicas e recicladas.

Existimos para impulsionar a transformação da Indústria da Moda, cocriando um amanhã regenerativo, inclusivo e justo.

Oferecemos uma rede de produção sustentável e com responsabilidade social de alta qualidade em todos os segmentos da moda. Entregamos para nossas marcas parceiras roupas, calçados e acessórios.

Quer saber mais?

Acesse o QR Code e venha produzir conosco sua coleção de vestuário feito de maconha :)



@hemp.cor

Matinho do Bom



Larica com Matinho

22



Bolinho de milho com queijo e goiabada



Modo de Preparo

Ingredientes

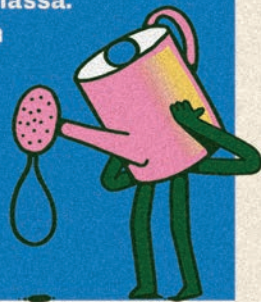
1 lata de milho; 2 xícaras de água;
1/2 cebola; Ervas frescas a gosto - orégano,
tomilho e alecrim; 2 xícaras de farinha de
trigo; 1 colher (sopa) óleo vegetal;
Panko ou farinha de rosca para empanar;
150gr de mussarela vegetal (recheio)
100gr goiabada; 4 colheres (sopa) água



Em uma panela adicione a água, os grãos de milho, metade da cebola, pitada de sal e o buquê de ervas frescas. Deixe cozinhar por 8 minutos. Retire o buquê de ervas e a cebola. Bata no liquidificador o milho com o caldo do cozimento. Volte essa mistura para a panela, adicione o óleo e a farinha de uma vez, mexendo até que desgrude da panela e forme uma massa.

Passa uma fina camada de óleo na bancada e nas mãos e com a massa morna sove por 3 minutos. Modele recheando com o queijo. Empane na farinha Panko ou de rosca e frite por imersão até ficarem dourados. Derreta a goiabada com a água e sirva para chuchar o bolinho. Receita @tabatadugois

*Para ficar ainda melhor sirva com Matinho do Bom!
Harmonização perfeita!*



Matinho do Bom é uma bebida espirituosa e cheia de alquimia, equilibrada em sabor, naturalmente adoçada e com baixo teor alcoólico. Somos um Blend de Mate, Rum e um blend de Terpenos e Lúpulo que trazem o aroma da plantinha que tanto gostamos.

Se prepare para entrar no portal, beba Matinho do Bom!



Aproveite o cupom Kamah e ganhe 25% em nosso site!



REDUÇÃO DE DANOS É PRÁTICA REPUBLICANA

A redução de danos é uma estratégia de abordagem que visa minimizar danos sociais e à saúde associados ao uso de substâncias. Sugerir um copo de água para alguém que está bebendo álcool, por exemplo, é uma prática com esse objetivo.

Trata-se de um resgate para o cuidado ao invés da punição, e envolve enxergar além do uso em si, mas também todos os direitos e garantias dos indivíduos.

Disseminada em países ao redor do mundo no século passado, a redução de danos começou a ser utilizada na perspectiva do cuidado por e de pessoas que faziam o uso de drogas injetáveis no Brasil na década de 80, visando minimizar a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis.



@ccedelei

KAMAHZINE

Naquele período a cidade de Santos era a que apresentava o maior número de casos de infecções de HIV. Ações específicas de redução de danos como a higienização de seringas e campanhas informativas chegaram a ser feitas, fato que ocasionou inclusive na criminalização do governo municipal devido a lei de drogas vigente na época.

Com o passar do tempo, a mudança no perfil do uso de substâncias gerou a necessidade de criação de novas estratégias de abordagem. O próprio "É de Lei" surgiu em 1998 promovendo ações de troca de seringa para pessoas que faziam uso de drogas injetáveis em contexto de festas.



Michel Marques



Ana Luiza Uwai

Somos uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que atua na promoção e pesquisa da redução de riscos e danos, sociais e à saúde, associados à política de drogas e queremos, a partir da perspectiva interseccional do cuidado, influenciar a aprovação de políticas públicas que ampliem a rede de suporte para pessoas usuárias de substâncias psicoativas, levando em consideração os recortes de raça, gênero e classe social.

Distante da apologia, falar sobre redução de danos é tratar o consumo de substâncias como um fenômeno natural das sociedades, sendo uma escolha individual e subjetiva, e que portanto há a necessidade de promover estratégias para a mitigar as consequências negativas ocasionadas não só do consumo, como também da proibição em si.

Ou seja, da perspectiva pública, essa abordagem também é uma forma de reduzir os custos com a saúde ao dar maior autonomia através da informação ao usuário. Esse protagonismo das pessoas que são afetadas pela política de drogas possibilita a criação de novas orientações para as políticas públicas.

Atualmente no Brasil temos duas políticas públicas implementadas nesse sentido. O Programa Atitude no estado de Pernambuco atua desde a abordagem junto a pessoas vulnerabilizadas em situação de rua, passando por serviços de acolhimento temporário, até a defesa de seus direitos.

Já o Programa Corra para o Abraço, que acontece no estado da Bahia, também atua com essa mesma abordagem. Junto a isso, centros de convivência e acolhimento, além de centros de formação fazem parte das estratégias dessa política pública implantada na perspectiva da redução de danos.

KAMAHZINE

→ Existem políticas públicas suficientes em nível nacional que deveriam atuar nessa perspectiva, entretanto encontram dificuldades, sobretudo pelo aspecto moral da sociedade que devido a quase um século de proibição e propagandas que a sustentam, não consegue enxergar o sujeito que consome drogas como alguém que possui direitos e desejos.

Espaços de uso seguro, por exemplo, podem permitir ao usuário experimentar ampliar seu repertório de vida e de desejos. E apesar de parecerem distantes, já existe um histórico de experiências nesse sentido com sucesso na Europa e América do Norte.

Olhando para o futuro, a redução de danos também se consolida como base essencial para repensarmos a política de drogas no Brasil, que atualmente mata, encarcera, interna compulsoriamente e está longe de resolver os problemas ao criminalizar e demonizar a pauta.

Mó brisa ver a cultura canábica crescer no Brasil!

verdade!

Onde eu acompanho as novidades da cena e troco ideia com uma galera beam de boa?

Pô, te falar que tem uma loja aí que vai fazer a sua cabeça!

VOCE SABIA?

As HeadShops surgiram nos anos 60 na Califórnia, no auge do movimento da contracultura, comercializando itens relacionados à cultura canábica e psicodélica, desde parafernália para consumo até vestuário, decoração e arte



Achei nosso pico galera!

E aí pessoal, diboia?



Desde o início, seu objetivo foi reconhecer realidade dos usuários de diversas substâncias, e trazer, além dos produtos, mais informação e consciência sobre as práticas que rondam esse universo.

Dessa forma, elas se tornaram pontos de encontro e de intercâmbio cultural, onde se cultiva a liberdade de cada um "fazer a cabeça" como bem entender, mas sempre buscando conscientizar os frequentadores sobre práticas de redução de danos e de consumo consciente. E foi baseado nessas crenças que a Diboia surgiu.



Hoje em dia, com o cenário canábico em expansão no Brasil, as headshops são a principal ponte entre as marcas, os produtores de conteúdo, as inovações deste universo e o público final. Por isso, desde 2016, a Diboia vem fortalecendo estes laços para ampliar cada vez mais o acesso à cultura canábica em cada canto do país.



fique diboia :)

#fiquediboia
arte - mar.e.flores

@diboatabacaria

(11) 99771-3697

www.diboatabacaria.com.br

REPARAÇÃO COMO NECESSIDADE

INICIATIVA[®]
NEGRA

POR UMA NOVA POLÍTICA SOBRE DROGAS

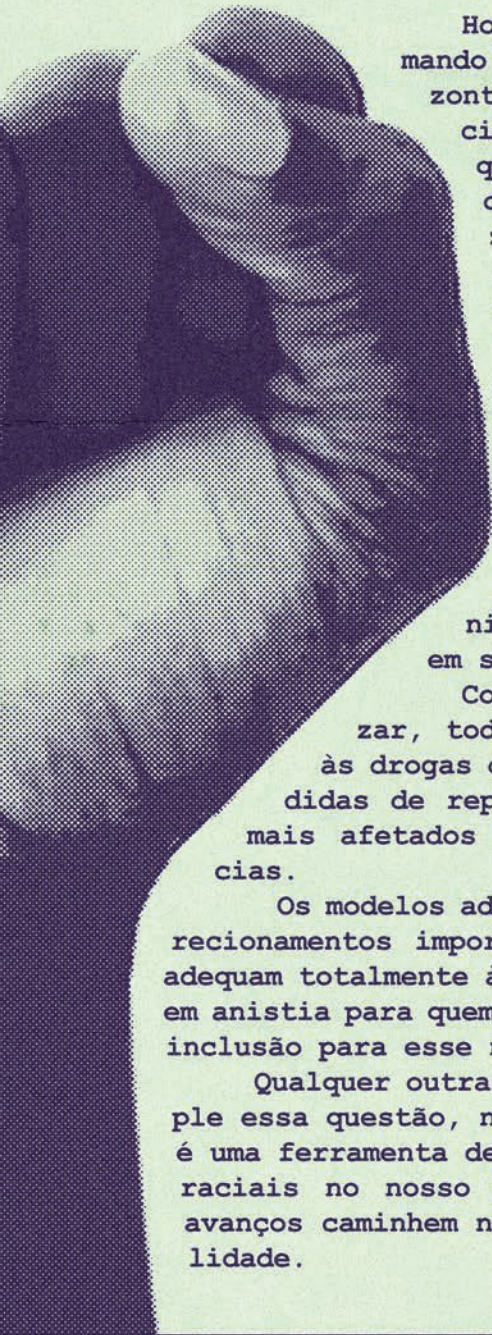
A Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas é uma organização da sociedade civil que atua, desde 2015, pela construção de uma agenda de justiça racial e econômica promovendo ações de advocacy em Direitos Humanos e propondo reformas na atual política de drogas.

Nascida inicialmente como um projeto, hoje a Iniciativa está consolidada como a primeira ONG negra do país a assumir o compromisso de diagnosticar e apontar soluções pacíficas para uma reforma da política sobre drogas a partir da perspectiva racial. Sabemos que a chamada "guerra às drogas" no Brasil é a principal justificativa política para a manutenção da opressão racial sobre a população negra.

Com foco nas agendas nacionais e regionais de segurança pública, sistema de justiça e saúde mental, o trabalho da Iniciativa Negra consiste em fortalecer a democracia brasileira e assegurar os direitos de populações historicamente discriminadas, como negros, indígenas e habitantes de periferias.

Nossa atuação se dá além da advocacy, também envolve pesquisas e ações junto à sociedade civil, com o intuito de colocar a reparação à essas populações no centro da discussão da reforma da política de drogas.

iniciativa negra



Hoje, essa mesma discussão está tomando novas proporções e temos no horizonte a possibilidade de mudança, principalmente em relação à maconha, o que é muito importante. Apesar disso, a descriminalização, legalização e regulamentação do uso de todas as substâncias ainda parece distante.

A descriminalização do porte para consumo de maconha não deve trazer mudanças significativas nesse cenário, considerando que outras substâncias como o crack, por exemplo, são altamente estigmatizadas, o que resulta em violências diretas à algumas comunidades e principalmente à população em situação de rua.

Contudo, mais do que descriminalizar, todos os avanços legais relacionados às drogas devem considerar um conjunto de medidas de reparação para pessoas e territórios mais afetados pela proibição e suas consequências.

Os modelos adotados em outros países têm sim direcionamentos importantes para o Brasil, mas não se adequam totalmente à nossa realidade. É preciso pensar em anistia para quem sofreu condenações e mecanismos de inclusão para esse novo mercado que irá se abrir.

Qualquer outra via de legalização que não contemple essa questão, não nos servirá. A guerra às drogas é uma ferramenta de manutenção de desigualdades sócio raciais no nosso país, portanto é fundamental que avanços caminhem na direção de transformar essa realidade.

Por mais que não tenhamos muitos exemplos práticos de ações afirmativas de reparação no Brasil para além da lei de cotas que democratizou o ingresso às universidades, há diversos ativistas e pesquisadores propondo ideias nesse sentido.

Recentemente, realizamos um estudo para entender das próprias pessoas o que para elas seriam políticas de reparação, buscando assim construir uma agenda antirracista e de reparação efetiva aos territórios baseada em uma justiça de transição sobre a guerra às drogas no Brasil. Você pode acessar a pesquisa "Iniciativa Negra por Direitos, Reparação e Justiça" escaneando o QR Code no final do texto.

Esse debate também precisa incluir mediações de conflitos, programas de promoção de paz, mudanças na atuação e formato das corporações, melhorias nas leis acerca de drogas lícitas como o álcool e também o fortalecimento da rede de atenção psicossocial para pessoas que eventualmente desencadearem o uso abusivo dessas substâncias, pautado no acolhimento e cuidado ao invés da repressão.

Portanto, a reparação para populações negras, periféricas, indígenas e de todos os territórios afetados pela guerra às drogas é essencial para a diminuição das desigualdades raciais, sociais, econômicas e jurídicas no Brasil, considerando que há uma relação direta entre a proibição e esse cenário.

Caminhar em direção a um modelo mais amplo de mudança requer ter maior abertura e diálogo com o poder público e apesar da discrepância em relação ao posicionamento destes, em comparação a nossa militância política, acreditamos que iniciar esse debate a partir da descriminalização e, posteriormente, a regulamentação da maconha também pode ser uma forma de se chegar lá.



Juliana Borges



Nathalia Oliveira



"Iniciativa Negra
por Direitos,
Reparação e Justiça"



K*
ZINE

EDUCAÇÃO SOBRE CANNABIS

@KAMAH.CO | WWW.KAMAH.COM.BR

KAMAHZINE
SETEMBRO | 2023
design by @nielk_m

Vozes da Luta

Cidinha da Cultive

A minha relação com a maconha antes da necessidade era como a maioria das pessoas. Cresci numa cultura proibicionista, na qual o nosso olhar era direcionado para os malefícios que as substâncias podem causar e não para o que a proibição traz consigo.

Nunca tive o intuito de ser ativista, eu entrei nessa luta pela dor. Desde quando minha filha, a Clárian, começou a convulsionar com cinco meses e meio, comecei as minhas buscas para entender qual poderia ser o diagnóstico dela e como intervir, já que o diagnóstico neurológico é sempre difícil e só fechou quando ela completou dez anos.



A Síndrome de Dravet, condição que a Clárian tem, é uma forma de epilepsia caracterizada por convulsões recorrentes e comprometimento do neurodesenvolvimento. Isso causa efeitos devastadores não só na vida da criança, mas também em toda

estrutura familiar. Até os seis anos, a Clárian tinha convulsões que duravam até uma hora e meia que a

faziam ficar de 20 a 30 dias internada.

Ela apresentava também outros sintomas como déficit cognitivo, apneia do sono, hipotonia muscular e a não transpiração, que foi justamente o que nos fez chegar ao possível diagnóstico.

Quando em julho de 2013 descobri o caso da Charlotte Figi, uma criança estadunidense que tratava Dravet com maconha, eu senti esperança. Era como uma luz no fim do túnel ver o que a planta conseguiu proporcionar de bem-estar e qualidade de vida para essa garota.


Porém, qual alternativa muitas mães que lutam pela sobrevivência de seus filhos tem de acesso à maconha no Brasil senão a boca de fumo? Com o passar do tempo consegui trazer o óleo, mesmo que ilegalmente, e logo de cara a Clárian ficou 11 dias sem ter nenhuma crise de convulsão.

Dando continuidade ao tratamento, ela passou a transpirar, o que controlou muito as convulsões, e a fazer coisas que nunca tinha feito antes na vida e que são comuns para outras crianças como subir e descer escada e pular na cama elástica. A maconha fez pra minha filha o que nenhum medicamento alopático fez.

Depois, ainda consegui trazer legalmente por 500 dólares, tendo a certeza que não conseguiria sustentar o único tratamento que foi efetivo para minha filha até então.

Essa experiência me trouxe um outro olhar para a proibição e todos os danos que ela traz. Se ela não existisse e a informação chegasse para todos, minha filha poderia não ter nenhuma seqüela, desfrutando dos seus vinte anos de idade. A proibição deixa seqüelas. No cárcere, na saúde e principalmente na vida das pessoas.

Em 2013, a única neurologista que acreditou na Cannabis como tratamento possível, após ir num congresso fora do país sobre as crianças de Dravet tratadas com a cannabis, me incentivou a procurar outras mães de crianças com a mesma síndrome e disse que iria levantar essa bandeira comigo. Na internet consegui reunir mães como eu e também aquelas com filhos portadores de outras condições.



Assim, em 2016 recebi meu Habeas Corpus e fundamos uma associação que auxilia pessoas que precisam do óleo para tratar alguma condição, a Cultive. Entretanto, ela não nasceu de um projeto, e sim de um propósito. Quando necessitávamos do óleo, recebíamos doado por pessoas que nunca tinham nos visto. Era uma missão fazer o mesmo.

Estamos otimistas em relação às mudanças que devem acontecer em breve, mas isso não quer dizer que virá uma regulamentação do jeito que precisamos. Existem vários projetos de regulamentação da maconha tramitando no Brasil e todos eles privilegiam quem já é privilegiado. É preciso olhar na raiz do problema que está nessa guerra utilizada como mecanismo de extermínio de negros e pobres.

A Cultive nasceu com o propósito de levar e expandir a informação e a autonomia. As pessoas não precisam do Estado ou da Indústria para ter um remédio que nasce da terra. O preconceito em relação a maconha foi criado por diferentes interesses pessoais, que nada tem a ver com bens comuns e humanitários. É por isso que só a informação combate o estigma. Essa luta é coletiva e pela vida em todos os sentidos.

Acredito que o melhor caminho é o da regulamentação baseada em direitos humanos e na autonomia. Que as pessoas possam cultivar, que possam escolher como, quando e onde usar. Que a informação chegue para que a maconha possa ser vista como uma planta que pode estar no seu quintal e para que nenhuma mãe precise chorar por ter perdido um filho para essa tal guerra às drogas.

SATIVA HEADSHOP

baked

EM SETEMBRO ESTAREMOS NA
PRIMEIRA Expo CANNABIS BRASIL
LUTANDO POR QUEM NÃO É OUVIDA.

Com a intenção de reverberar a voz feminina foi que surgiu a Sativa e a BakedBrain.

Difícil é ser maconheiro, ser mulher mais ainda. Conseguir ser ouvida, é um privilégio de poucas.

É UNIR O ATIVISMO PELO DIREITO DAS MINORIAS
SOCIAIS. COM PAIXÃO PELA MACONHA 99

A Sativa é um clube canábico voltado para mulheres que buscam criar um espaço de igualdade, expressão e empoderamento.



Temos a iniciativa de fornecer produtos para fumar, junto da experiência de estimular o amor-próprio no conforto da sua casa.

Oferecemos uma caixa de assinatura mensal, trimestral ou avulsa com itens de tabacaria, autocuidado, aroma único, cuidado da mente, larica, adesivos, zines e livretos com informação sobre drogas e assuntos sociais.



A Bakedbrain é uma marca familiar de mulheres que trabalham com design de acessórios e traz o cânhamo como sua principal matéria prima e alternativa sustentável para a moda, acreditando que a maconha é capaz de regenerar os desgastes causados pelo homem no planeta.

Com seu ateliê situado em meio à Serra da Mantiqueira, a Baked desenvolve produtos exclusivos, num processo de criação fluido, com consciência socioambiental, em toda a cadeia de produção.

É mais que necessário dar visibilidade às vozes femininas em espaços que foram historicamente dominados pelos homens



Acreditamos que plantar é revolucionário e lutamos para que isso seja acessível para todas as pessoas.

Usamos a natureza e a biotecnologia para criar soluções inovadoras para o seu cultivo. Transformamos tecnologias em poder. De decisão, de controle, de mudança. Nos conectamos às pessoas, associações e marcas que querem fazer a diferença. E sabem que só juntos isso é possível. Pensamos na sustentabilidade não só como uma palavra, mas como o único caminho possível. Essa é a verdadeira revolução verde. E começa aqui.



Escaneie o QR Code e venha saber mais sobre nosso trabalho



JUST HEMP CBD
SUPPLYING HEMP AND ITS DERIVATIVES

Vaporizar canabinoides para meu tratamento é ruim?

Não existem formas melhores ou piores no tratamento com canabinoides. Cada indivíduo merece uma abordagem única, seja ela de uso oral, inalatório ou tópico, sendo imprescindível o acompanhamento de um profissional de saúde especializado durante o tratamento.

A Just Hemp Brasil tem como compromisso ampliar o acesso à cannabis medicinal para todos os brasileiros que a necessitem, por meio de acolhimento ao paciente, acesso à profissionais de saúde qualificados e indicação ao acesso de produtos como óleos, cremes, flores e extrações ricas em CBD, CBG, CBN, entre outros canabinoides, devidamente certificados pelos órgãos responsáveis.



Se deseja saber mais sobre como iniciar o tratamento, entre em contato com nossa equipe pelo QR Code!



VOCÊ SABE O QUE É UM BANCO DE SEMENTES DE MACONHA?

É um lugar onde são armazenadas variedades de semente da erva, com objetivo de preservar a variedade genética das plantas, garantindo assim, que as cepas mais raras e valiosas não se percam com o tempo. Além disso, os bancos são responsáveis por criar novas strains, realizando o cruzamento de cepas visando trazer as melhores características de cada uma, para assim produzir maconhas mais resistentes, mais produtivas, e mais assertivas quanto ao efeito desejado.

As sementes são deixadas em ambientes controlados, com temperatura e umidade ideais para sua conservação, com um rigoroso processo de controle de qualidade antes de disponibilizá-las para venda ou trocas com outros bancos.

Os bancos de semente são muito importantes para todo o tipo de uso da maconha. Para saber mais sobre, acesse o QR Code e conheça a Flora Urbana.



WWW.FLORAURBANA420.COM.BR
AUTOCULTIVO É O CAMINHO





PROFISSIONAIS DA INDÚSTRIA

MEU NOME É LÍVIA OLIVEIRA, MAS SOU MAIS CONHECIDA COMO @TRANSCANABICA.

SOU MACONHEIRA HÁ MAIS DE 10 ANOS.

TENHO UMA HISTÓRIA MUITO GRANDE E LONGA COM A CANNABIS E NESSE CAMINHO COMECEI A ESTUDAR E APROFUNDAR MEUS CONHECIMENTOS SOBRE A PLANTA

Além de ser ativista há mais de 10 anos pela Marcha da Maconha de São Paulo, hoje meu trabalho no mercado consiste em ajudar pessoas que precisam se beneficiar dessa medicina tão potente. Sou consultora canábica e a primeira travesti a atuar neste ramo.

Sempre gostei muito desse universo. Há um tempo atrás, quando eu descobri que outros países estavam legalizando para uso medicinal e uso recreativo, acabei me interessando por essa possibilidade e fui atrás de entender como é possível trabalhar na indústria da planta.



A ideia, por exemplo, de ter um dispensário abriu a minha cabeça. A possibilidade de ter uma loja vendendo maconha, para mim é algo encantador. Eu gostaria muito de vivenciar isso aqui no Brasil. A partir desse desejo, comecei a mergulhar nos estudos e a me aprofundar ainda mais sobre esse universo.

Apesar do sonho, os desafios de estar na indústria são muitos, principalmente sendo uma travesti preta e periférica. A indústria ainda precisa evoluir muito na questão da equidade, da representatividade negra, de pessoas trans e de mulheres.

LÍVIA OLIVEIRA

A gente tem visto bastante avanço, mas ainda precisa evoluir no que diz respeito a inclusão de pessoas LGBTQIAP+ e pessoas negras, por exemplo, em cargos de destaque. A indústria não pode ficar restrita a pessoas brancas, cisgêneras, privilegiadas, que sempre se beneficiaram da proibição.

Não faz sentido agora que temos a possibilidade de legalizar essa planta, essas mesmas pessoas se beneficiarem com o retorno financeiro e as mudanças que ela trará.

O acesso à cannabis também precisa ser facilitado para as pessoas periféricas, pretas e de baixa renda e para todos aqueles que podem se beneficiar da medicina canábica, porque hoje até esse acesso está restrito aos privilegiados de sempre.

Vejo também que a indústria da maconha também é muito idealizada. As pessoas acham que por ser de maconha, ela é diferente das demais, mas repete os mesmos problemas por também ser feita por nós brasileiros. Nossa sociedade carrega preconceitos e estigmas que são estruturais e que ainda não foram abandonados.

Hoje eu atuo como representante de algumas empresas do ramo da Cannabis, principalmente do medicinal, facilitando o acesso à produtos à base da planta para os pacientes. Pessoas que tem interesse em fazer o uso medicinal, que já é regulamentado aqui no Brasil, podem me procurar para tirar dúvidas e facilitar o contato com médicos.

Por fim, a minha relação com a maconha começou muito antes de trabalhar com ela. Isso se deu principalmente através das dificuldades que eu tinha em relação a ser trans. Ser travesti no país que mais mata pessoas como eu, não é fácil. A Cannabis sempre me ajudou a superar, servindo como um alívio para todos os sofrimentos gerados que sentimos por ser travesti no Brasil.



FUTURO VERDE

por kamah

Ao longo da maior parte da história a relação entre seres humanos e a maconha foi harmônica e benéfica para a nossa espécie. A planta que servia de remédio, ao mesmo tempo era também matéria prima, de uso ritualístico e até recreativo.

Mudanças sociais e políticas alteraram essa relação através de campanhas e propagandas baseadas em narrativas anti-científicas que construíram uma imagem negativa, criando assim estigma e mitos sobre a planta e seus usuários.

Entretanto, a busca pelo prazer faz parte da natureza humana e a maconha, assim como tantas outras substâncias, é utilizada por muitas pessoas.

O consumo de álcool, por exemplo, é exclusivamente recreativo. Já é sabido que se trata de uma das drogas mais perigosas para o indivíduo e para a sociedade, entretanto você pode comprar uma dose em qualquer município do país, com restrição de idade.

KAMAHZINE

Quando pensamos no uso abusivo de substâncias, quaisquer elas que sejam, a medida a ser tomada deve ser o acolhimento e não a criminalização. Além disso, a educação sobre drogas é imprescindível como medida preventiva e de autonomia. A abordagem atual nos afasta de conseguir educar as pessoas sobre os reais riscos e benefícios no consumo de substâncias.

Os gastos do poder público para sustentar a proibição são injustificáveis ao observarmos os resultados que acompanhamos nos noticiários e no nosso cotidiano. Essa escolha política além de ter um preço altíssimo, custa a vida de pessoas, envolvidas ou não com a questão.

A influência e poder do crime organizado cresce no ritmo em que mais policiais são recrutados para tentar "tapar esse sol com uma peneira". E falando em polícia, a do Brasil está entre as que mais mata, mais morre e que mais comete suicídio no mundo.

Diante da ineficiência da proibição, a mudança de abordagem em relação às drogas é urgente para a construção de uma sociedade mais livre, igualitária e próspera.

Na perspectiva da economia, estudos realizados pela Kaya Mind revelam que o valor deste mercado pode chegar a 26 bilhões de reais no 4º ano após a regulamentação do uso medicinal, industrial e recreativo, gerando inclusive mais de 300 mil novos empregos.

Com potencial medicinal e terapêutico comprovado, a maconha certamente estará nas prateleiras de dispensários, mercados e farmácias de todo o planeta. Vale lembrar que sementes da planta são consideradas super alimentos devido ao seu valor nutricional.

Além disso seu plantio é capaz de regenerar solos contaminados e captar altas taxas de carbono da atmosfera. Estudos realizados pela Hemp Global Solution apontam que cultivos de cânhamo podem consumir até 1,63 toneladas de CO2 por tonelada de cânhamo produzido.

Esses benefícios junto às mudanças sociais, de reparação e segurança que essa nova realidade pode trazer, faz com que a pauta da maconha esteja na agenda das principais mudanças que devemos promover nos próximos anos na intenção de um mundo melhor.

Kamahradas & Komunidade.

A 3ª edição da Kamah Zine está chegando ao fim. Esse projeto colaborativo só é realidade graças ao apoio de muita gente que acredita na construção de um novo amanhã. É enorme o número de colaborações para que esse projeto chegue até suas mãos.

O nosso trabalho é sobre educação, mas principalmente sobre conexão e pertencimento. Através das nossas iniciativas, unimos quem assim como nós, compartilha do mesmo objetivo: transformar a relação do nosso país com a maconha.

Por isso, para além de sermos um coletivo que discute e atua para modificar a realidade atual, somos acima de tudo uma comunidade, ou melhor, comunidade!

Através das nossas iniciativas, promovemos o contato entre pessoas e organizações atuantes na causa, promovendo a partilha de informações e experiências, no ambiente digital e físico. Assim, chamamos de kamahradas quem nos ajuda nessa missão de ressignificar o que a planta pode ser para nós, como indivíduos e sociedade.

A maconha é uma planta que pode nos beneficiar em uma série de aspectos já mencionados nessa revista, mas que hoje é utilizada para os interesses de um pequeno e seletivo grupo dominante, causando desamparo e sofrimento para o resto da sociedade.

O futuro é hoje e não podemos mais tolerar que nossos rumos não estejam alinhados com aquilo que é de melhor para as pessoas e o planeta em que vivemos.

A mudança em relação à pauta das drogas não irá resolver os problemas do mundo, mas certamente irá ajudar em boa parte deles.

Faça parte da mudança com a gente, assim como essa galera!



K* ZINE

ALOIADORES

KAMAZINE



A Accura é uma associação fundada em 2018 para representar os interesses dos pacientes que fazem ou querem fazer o uso da terapia canábica. Recentemente lançamos um livro para ajudar pessoas a extraírem a própria medicação. Acesse pelo QR Code



A Associação Nacional do Cânhamo Industrial (ANC) é uma associação sem fins lucrativos que busca uma regulação mais abrangente do cânhamo no Brasil, capacitando associados e defendendo interesses. Focamos em sustentabilidade e inovação para um futuro melhor.



TH.Ser

ASSOCIAÇÃO DE CANNABIS MEDICINAL

A TH.Ser é uma associação que acredita na promoção de saúde e bem-estar por meio da cannabis e defende a democratização do acesso a tratamentos. Acreditamos no potencial terapêutico da planta cultivada em solo vivo e atuamos junto a uma rede de médicos e advogados para o apoio aos nossos pacientes.



cannavita

Na Cannavita nos dedicamos a apresentar e trazer o melhor da natureza, em conjunto com as mais avançadas tecnologias, para promover a saúde e o bem-estar de todos. Compartilhamos conhecimento e cultura sobre os benefícios terapêuticos, sociais, econômicos e ambientais das plantas e fungos.

Acesse o QR Code e junte-se a nós nesta jornada por direitos humanos fundamentais!





A Gravitai é uma rede de clínicas brasileira que orbita em torno dos potenciais da maconha como arsenal terapêutico do médico e da equipe multidisciplinar.

O uso da planta como remédio por cada indivíduo pode trazer consequências transformadoras para toda a sociedade. Acreditamos no potencial histórico da planta de reparação do corpo humano e social.



A De Ponta Hemp Shop é uma loja especializada no universo canábico. Um novo conceito de headshop que traz para BH acessórios e vestuário em cânhamo, produtos com terpenos canábicos, artigos temáticos, redutores de danos e muito mais. Buscamos desmistificar o debate sobre a planta, trazendo informação acerca do potencial econômico e social que gira em torno dela.



A editora para mentes curiosas. A Vista China traz livros com base pedagógica e rigor científico para aproximar a população da Cannabis. Conheça mais escaneando o QR Code.



A ExpoCannabis Brasil é a primeira feira internacional do país sobre o tema que tem como objetivo ser uma plataforma integrada de educação, comunicação e saúde. Além de uma ferramenta para empresas e investidores, é um espaço para a promoção do debate sobre avanços na legislação brasileira sobre a cannabis.



Você está preparadx para uma comunicação sem fronteiras? Conheça a High Communication, agência de comunicação 360° especializada em cannabis. Compromisso com a comunicação responsável, elaboramos estratégias personalizadas para difundir sua mensagem e propósito, cuidando de sua reputação com empatia e assertividade! Entre em contato pelo QR Code e saiba como podemos contribuir com seu desenvolvimento.





Hippie Bong

A @HippieBong foi a pioneira, e até hoje é a principal empresa de sopro de vidro canábico e redução de danos no Brasil. Produzimos bongs, piteiras de vidro artísticas e uma linha completa para lojistas, utilizando borossilicato americano e alemão: ambos com a melhor qualidade do mercado mundial.



HUMORA

Somos uma marca de cannabis medicinal e acreditamos que bom humor é saúde. Nossos produtos combinam CBD e outros fitoterápicos, melhorando condições normais da vida: TPM, libido, sono, dores e imunidade. Tudo com nanotecnologia [funciona mais rápido, uau!]. Produzimos na Califórnia, mas nossa cann-cierge fica no Brasil. Chama ela aqui!



KANNA

Utilizando a blockchain, a Kanna desenvolveu o primeiro token de cannabis do Brasil, um produto digital que gera transparência, rastreabilidade e imutabilidade no processo de acompanhamento do impacto gerado pelas operações de cultivo, além de ativar um ecossistema de utilidades para seus detentores.

<https://kannacoin.io/>



Queen Co.

A Queen Co é fornecedora de fios e tecidos de fibras naturais que chegam ao mercado para revolucionar. Desenvolvemos novas maneiras de fazer tecidos, pesquisamos novas fibras para as indústrias da moda, artes plásticas e decoração. Atuamos com empresas e pessoas conscientes que vão na contramão de nossa atual industrial têxtil. Saiba mais no QR Code!

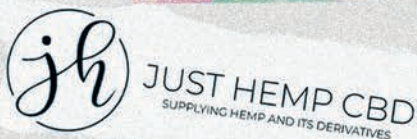


PATROCINADORES

K*
ZINE



CANNADELIC.



Matinho
do Bom



SATIVA
HEADSHOP

mariajoana



NÃO ENTENDEU ALGUMA PALAVRA OU TERMO?
ACESSE O GLOSSÁRIO PELO QR CODE



EDUCAÇÃO SOBRE CANNABIS

@KAMAH.CO | WWW.KAMAH.COM.BR

KAMAHZINE
SETEMBRO | 2023
design by @nielk_m

